Martins Filho, de aprendiz de tipógrafo a editor, ou a paixão confessada de um fazedor de livros*

PAULO ELPÍDIO DE MENEZES NETO (**)

A velhice, felizmente ou não, dura pouco. É muito breve para a maior parte dos humanos viventes, passageira e transeunte. O mais trágico da velhice, entretanto, está em tornarmo-nos velhos. O mundo da memória é o mundo dos velhos. Alguns, mais do que outros, dedicaram os seus anos de velhice às reminiscências da juventude, em recriar o passado, recompondo lembranças, recuperando a imagem dos figurantes com os quais cruzamos nos caminhos da vida. Outros se entregaram nos braços do esquecimento, em transe de fuga no tempo, sem olhares para o passado e indiferentes ao futuro, se é que na plenitude da velhice se pode (ou se deva) pensar no por vir. Se existe patrimônio real a que se deva agarrar alguém que viveu bastante, esta riqueza está nos guardados acumulados no bornal onde se enfiou, vida afora, os registros do cotidiano, lampejos, *flashes*, instantâneos, sentimentos, angústias e as esperanças, a que nos agarramos e nos permitem continuar a viver.

Em suas reflexões sobre o tempo e a memória, *Bobbio*, em página magistral, lembra que *afinal, somos aquilo que pensamos, amamos, realizamos.* Somos, afinal, *aquilo que lembramos.*

Neste depoimento breve que fui encorajado a apresentar perante os consócios desta Casa ilustre, procurei ressaltar as singularidades de uma personalidade pouco comum, de um caráter forte

---

(*) Palestra pronunciada no Instituto do Ceará, em 6 de janeiro de 2005.

(**) Membro do Instituto do Ceará.

aprimorado pela longevidade, exemplo raro de jovem feito ancião, determinado, incansável desbravador de oportunidades novas.

Martins Filho, personagem e ator central de um agitado enredo de vida, contrariou os arquétipos que moldam a imagem que fazemos da aventura da existência. Sua velhice foi longa e proveitosa, saudável, lúcida, carregada de vida. E, ademais, útil pelas numerosas obras e intenções confessadas.

Duas datas significativas foram lembradas pelos cearenses, nos últimos dias de dezembro de 2004. A do cinqüentenário de criação da Universidade Federal do Ceará e a do centenário de nascimento de Antônio Martins Filho, seu fundador. A associação da obra à inspiração do seu criador transformou a celebração do advento da mais importante das nossas instituições de ciência e cultura em uma única e exclusiva efeméride.

Sucederam-se, no decorrer do ano passado, as manifestações consagradas a Martins Filho pela obra que o levou ao reitorado de uma missão poucas vezes igualada entre nós, em destaque, representação social e brilhantismo. Vários livros foram publicados, entre reedições de textos essenciais para a compreensão do legado da sua vida, além de ensaios e biografias originais, refletindo a importância que o Ceará atribuiu aos feitos, justamente assinalados e reverenciados.

Participei pessoalmente de algumas dessas iniciativas, promovidas pela Universidade Federal do Ceará e por outras instituições públicas e privadas, no Ceará e fora daqui. Emprestei-lhes o concurso dos meus guardados pessoais de fatos e lembranças vividos e testemunhados, reservando-os à recomposição da memória de um passado, quase presente, tão próximo encontra-se ele de nós.

Preferi, obediente a razões justificadas, eleger, dentre tantos aspectos e projeções extraídos de uma mesma vida, a faceta que flui com naturalidade, entre a multiplicidade de obras a que se entregou Martins Filho. A circunstância de encontrar-me sob o teto do Instituto do Ceará, instituição à qual Martins Filho emprestou o valor da sua inteligência e a vitalidade do seu espírito — entre cuja congregação me incluo para gáudio e honra minha —,

favoreceu-me com a oportunidade de poder escolher entre múltiplas possibilidades de uma brilhante biografia. Elegi a sua trajetória como intelectual e, neste percurso singular, a missão de editor, graças à qual exerceu forte liderança cultural; e, coroando a sua ampla e variada produção de escritor, a tarefa de memorialista, referida pela crítica como uma das mais férteis contribuições, no âmbito da literatura, quanto nos domínios dos registros históricos.

Pedro Paulo Montenegro, em obra coletiva que me coube organizar (Martins Filho, o Memorialista, in *Martins Filho de Corpo Inteiro*, Imprensa Universitária do Ceará, Fortaleza, 2004, p. 46), refere que "No gênero Memórias, o escritor não é somente escritor, é personagem também. É autor e ator." Na memorialística de Martins Filho essa associação faz-se sentir com estreita intimidade, como sinaliza Pedro Paulo Montenegro, com referência ao gênero: *os casos particulares atingem o interesse geral porque determinam a empatia dos leitores...*

Reuniu Martins Filho, nos derradeiros anos de sua vida, lembranças vívidas de um passado carregado de evocações. Associou as obrigações que se impôs, no presente, tempo no qual edificou, com engenho e pertinácia, às pontes projetadas para o futuro. Revolveu registros e trabalhou arduamente a memória, sem jamais deixar-se aprisionar pelo passado, dele recortando, no mais das vezes, as lembranças – para dar-lhes forma e vida, nos limites estritos da realidade, paradigma dos inestimáveis depoimentos legados.

Com o capital acumulado das experiências passadas, trabalhou diligentemente nos projetos que pretendia concretizar, no *seu* futuro. Perseguiu-os, realizou-os, consolidou-os com a coragem de quem soube ocupar os espaços vazios já em idade canônica, no entardecer da existência. Cuidou, com obsessiva dedicação, em registrar episódios aparentemente circunstanciais, desses que o vento leva e apaga, se falta, pressurosa, a figura de quem os recolha e guarda.

As *Memórias* de Martins Filho constituem o conjunto mais articulado e completo do que se escreveu sobre a Educação Superior do Ceará, a Universidade Federal do Ceará e outros empreendimentos dessa natureza, dos quais participou diretamente, na

obra de edificação e consolidação dos projetos que lhes deram origem, corpo e dimensão histórica.

De sua vida retratou Martins Filho o longo caminho, da menoridade aos anos da velhice chegada. Sobre as nossas Universidades deixou relato essencial, deu-lhe a cor própria da sua interpretação, com elegância, equilíbrio e propriedade. Reconstituiu, na construção dos registros sobre a educação superior no Ceará, a vida social e política do estado e os condicionantes econômicos de todo o processo de desenvolvimento no decurso das últimas cinco décadas. Os relatos que constituem as *Memórias* de Martins Filho vão além dos limites temporais da instituição que projetou e edificou: vêm a ser, de fato, um amplo panorama da sociedade cearense. Fixou Martins Filho, com imagens indeléveis, a evolução cultural do estado, os movimentos intelectuais que vicejaram na província ainda acanhada, as iniciativas educacionais que lhes serviram de apoio, enfim, toda a mobilização organizada, ao longo do tempo, em favor da ampliação dos domínios do saber e do conhecimento e a sua necessária socialização entre os cearenses. Como memorialista, Martins Filho fez-se sociólogo e historiador, deixando aos pósteros o mais completo painel que já se projetou sobre a vida social do Ceará, perscrutando, como poucos o fizeram, o inventário dos bens imateriais legados pelo passado, ao tempo em que formulava, com descortino, as imensas possibilidades entreabertas pelo futuro anunciado.

É fato que o memorialista incorre, levado por impulsão ou inadvertência, nos desafios de uma travessia temerária. O maior deles está em evitar aprisionar o leitor nos domínios estritos da sua realidade, da versão que, intencionalmente ou não, transfere a quem o lê. A verdade é que comete, com freqüência, essa violação, sem dar-se conta de que a realidade é, em essência, a realidade de cada um. Para quem trabalha com a delicada garimpagem dos recortes da memória, a exemplo do tradutor, traidor inconsciente no seu árduo mister de mediador de significados, a *sua* realidade, a realidade do memorialista, vem a ser a realidade a ser compartilhada com todos. Ainda que não seja a realidade de cada um.

Há maneiras diversas de ver-se a mesma coisa, a depender das circunstâncias e do olhar de quem perscruta. Relembro a evocação de *Carlos Fuentes*, revelada no magnífico inventário das suas crenças — *En esto creo* —, de um episódio inesquecível, quando se viram perdidos, ele e amigos, em meio a um labirinto de montanhas, no interior do México; indagam, ansiosos, a um velho, transeunte naqueles ermos, como se chamava a aldeia aonde se dirigiam.

— *Depende, respondeu-lhes o velho. O pueblo se chama Santa Maria, em tempos de paz. Chama-se Zapata, em tempos de guerra.*

Fuentes reproduz, nessa passagem, a inquietante visão mítica do deus *Janos*, com duas faces opostas, simbolizando o conflito dos interesses humanos e a visão, de um certo modo ambígua da realidade que os cerca.

Conforme o olhar que se lance sobre Martins Filho e a obra por ele legada há de se descobrir aspectos novos de uma personalidade surpreendente, como se não tratássemos de uma mesma e única pessoa. A lhaneza de trato, em circunstâncias normais, traía o temperamento impetuoso diante dos desafios a enfrentar ou em face da fragilidade das pessoas de pouco caráter, dos interesses mascarados, das conveniências cavilosas que vicejam em torno da coisa pública.

Comparou-se Martins Filho a um *Midas*, em cuja presença, sob a sua ação pronta e firme, as coisas se transformavam. Confirmou essa imagem disseminada o êxito dos seus empreendimentos aos quais se consagrou por inteiro, ao longo de sua existência Cada obra, cada gesto criador, impregnava-os o seu entusiasmo, a serena certeza do êxito que haveria de coroar tanto trabalho e desvelo, seus e dos que o cercavam, convocados pelo "forte chefe", alegoria *camoniana* que lhe agradava citar.

Compõem o retrato intelectual de Martins Filho os traços marcantes do escritor, entregue, em idade canônica, às diligentes tarefas de memorialista. O seu talento foi, entretanto, muito cedo, convocado para as lides de uma liderança intelectual exercida

com especial dedicação, com a unânime aceitação dos seus pares. O historiador e o escritor cederam lugar a uma liderança incontestada, em todos as esferas da vida intelectual e educacional do Ceará.

Eduardo Campos e Artur Eduardo Benevides em artigos reunidos na obra coletiva *Martins Filho de Corpo Inteiro*, já citada, recuperaram com propriedade o seu viés literário e a vocação, demonstrada em circunstâncias várias, para a mobilização de iniciativas de inspiração cultural. A sua participação na criação do *Grupo Clã*, nos trabalhos de organização do I Congresso Cearense de Escritores, nas atividades da Academia Cearense de Letras, no Instituto do Ceará e nos empreendimentos a que se consagrou, por iniciativa própria, como editor de livros e revistas, foi registrada cuidadosamente, por Eduardo Campos, de quem se tornaria amigo e companheiro, graças a uma irresistível convergência eletiva.

Eduardo Campos em estudo exemplar, analisa o comportamento dos intelectuais cearenses, durante os "anos de guerra", emprestando ênfase a dois eventos marcantes que ocorreram nessa quadra: o Congresso de Poesia de 1942 e o I Congresso Cearense de Escritores. Conquanto lhe pareça que a muitos faltava entusiasmo pelas iniciativas mencionadas, registra Eduardo Campos ("Martins Filho e o Grupo Clã", in *Martins Filho de Corpo Inteiro*, obra citada, p. 70) *a valiosa contribuição do então professor e editor Antônio Martins Filho.*

Do percurso de Martins Filho no Instituto do Ceará dá-nos João Alfredo de Sousa Montenegro ("Martins Filho e o Instituto do Ceará", in *Martins Filho de Corpo Inteiro*, obra citada, p. 80) relato completo, a partir dos dados de pesquisa que empreendeu nos registros e na coleção da Revista desse destacado centro de estudos. Além de destacar o autor a vocação de Martins Filho pela História da Educação, refere a sua valiosa produção historiográfica. A vocação de historiador e pesquisador seria interrompida, infelizmente, dado afazeres que lhe impunham os compromissos assumidos com a criação e consolidação de um sonhado projeto – a *sua* Universidade, a Universidade Federal do Ceará.

Falta-nos, por último, recuperar o que terá sido a mais contínua e constante das suas preferências intelectuais, a de editor.

Tipógrafo, desde a infância, mexendo caixas e tipos na velha *Gazeta do Cariry*, nunca abandonaria a arte a que se afeiçoou, fazendo-se revisor, linotipista, diagramador, impressor, encadernador, artesão completo, senhor de todos os fazeres da arte gráfica – para tornar-se, por fim, editor.

Em palestra realizada nesta Casa, há pouco menos de um ano, Eduardo Campos evocou com propriedade e a sua habitual elegância os passos iniciados pelo menino Antônio como tipógrafo, ainda no Crato, e as suas aventuras pelas artes de *Gutemberg*, até tornar-se editor de muitos livros em Fortaleza. Pudéssemos comparar, invocaríamos como missão eleita o dístico que nos habituamos a ler no *ex librix* da *Editora Larousse*: *Je sème á tout vent*. Não fez outra coisa Martins Filho enquanto viveu: semeou aos ventos, em todas as direções.

A missão de semeador esteve associada, de forma inseparável, ao desafio assumido por Martins Filho, como editor diligente e operoso de obras alheias e das suas próprias. Preocupava-o o que lhe pareciam ser padecimentos injustos, a que se viam submetidos, sob o peso da sua condição, os intelectuais da província, jovens talentos que fenecem e se perdem à falta de estímulos para que a sua obra seja submetida ao crivo do julgamento público. O confinamento de talentos e de vocações intelectuais nas latitudes do esquecimento era decorrência de uma fatalidade circunstancial, a distância que os separava dos grandes centros culturais do País. Mudou esse panorama fatídico, com o passar do tempo, mas não ao ponto de prender à sua terra o jovem escritor ambicioso, desencorajando-o a trocar o lugar do seu nascimento pelas promessas da metrópole. Muitos rebelam-se, ainda em nossos dias, contra essa forma de discriminação, responsável por uma drenagem inexorável de talentos, espécie de transumância intelectual que o arranca, perversamente, das suas origens para oferecer-lhe os ambicionados meios do sucesso.

Em Caxias, fundaria um jornal – *A Voz do Povo* — e dele se ocuparia, cumprindo, como era de seu feitio e gosto, os encargos de tipógrafo, editor e articulista, a um só tempo, atraindo algumas vocações dispersas de poetas e prosadores maranhenses. Em For-

taleza, recém-chegado, disposto a ali permanecer, com mulher e filhos, prenúncio de uma prole numerosa, iniciou-se no comércio, no magistério e na advocacia, na sua faina de provedor de um largo círculo de dependentes.

Em breve, garantida a sobrevivência familiar, cederia às tentações a que jamais resistiu, enquanto viveu. Adquiriu a Editora Fortaleza, a um só tempo gráfica e editora, produzindo por encomenda e segundo seus próprios projetos de livreiro-editor. Cercar-se-ia, logo, de uma roda seleta de intelectuais, passando a exercer forte atração sobre os jovens poetas e escritores os quais associou aos trabalhos de editoração de uma revista de cultura – *Valor* – cuja circulação manteve-se durante vários anos, com 24 números publicados.

Criado o *Grupo Clã*, com a sua participação e desvelada cumplicidade, tornar-se-ia o editor da Revista *Clã* e de todos os integrantes do grupo.

Eleito para o Instituto do Ceará, a que foi conduzido pelas mãos de Raimundo Girão e Martinz de Aguiar, Martins Filho criaria uma gráfica e, como desdobramento das suas atividades editoriais, a Editora Instituto do Ceará.

Faria o mesmo, anos depois, logo após a criação da Universidade Federal do Ceará, criando a Imprensa Universitária, o maior empreendimento editorial a que o Ceará assistiria a nascer e a consolidar-se, nestes últimos cinqüenta anos.

Dirigi por alguns anos a Imprensa Universitária, ainda no decurso de um dos quatro mandatos de Martins Filho como Reitor da UFC. Conduzido à Reitoria, em 1979, vali-me da oportunidade que me era oferecida para aprofundar e consolidar o seu projeto editorial, criando formalmente uma editora – as *Edições UFC* —, dissociando-a das funções gráficas correntes da Imprensa Universitária, e assegurando ampla distribuição, em território nacional, da sua produção editorial.

Aposentado na condição de Reitor-Agregado da UFC, título que lhe foi outorgado pelo Conselho Universitário, Martins Filho perseverou no seu projeto de editor. Criou as *Edições Alagadiço Novo* e o *Programa Editorial da Casa José de Alencar*. Até o seu

desaparecimento, em 2002, mais de trezentos títulos haviam sido publicados. Entre reedições de obras raras e a publicação de textos originais, boa parte delas da autoria de jovens escritores cearenses, estende-se um horizonte extremamente diversificado no qual se incluem romances, ensaios literários, sociológicos, filosóficos e históricos, poesia e monografias de natureza acadêmica.

Em livro recente, publicado pela Fundação Demócrito Rocha, na *Coleção Terra Bárbara*, reconstituí a obra do professor e Reitor Martins Filho, dispensando a ênfase merecida ao seu continuado trabalho e ao encantamento que o seduziu no manejo dos recursos da arte tipográfica, fazendo-se mestre entre os oficiais do ofício e editor pela graça do seu talento e por direito adquirido incontestado.

** Ex-Reitor da Universidade Federal do Ceará; exerceu os cargos de Secretário de Educação do Ceará, Secretário Nacional de Educação Superior e Secretário Nacional de Educação Básica; integrou o Conselho Internacional de Ciências Sociais da UNESCO. É membro da Academia Brasileira de Educação.